

LAMELAS, Isidro Pereira


*Os Padres da Igreja: dos Apóstolos a Constantino*

Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2020, 456 p. ISBN: 9789725407417

PAULO REIS GODINHO

doi: <https://doi.org/10.34632/lusitaniasacra.2021.11586>

Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, Portugal

 <https://orcid.org/0000-0002-9112-1988>

O Professor Isidro Pereira Lamelas, doutorado em Teologia Patrística pela Universidade Gregoriana e Professor da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, brinda-nos com uma viagem pelas origens do pensamento cristão pré-niceno ou pré-constantiniano, mediante a apresentação das suas principais figuras, aqueles que a Tradição eclesial determinou chamar “Padres da Igreja”.

Dividida em sete capítulos, a obra apresenta o estilo magistral, preciso e fiável, a que o autor habituou os leitores, sem deixar de ser acessível a qualquer público, pelas minuciosas explicações, apresentadas no momento certo da narrativa. Exemplo ímpar deste processo é o primeiro capítulo “*Para ler a Literatura Patrística*”, pois nele o autor espraia conceitos históricos, geográficos, linguísticos, literários, epistemológicos, culturais, sintáticos, teológicos e filosóficos indispensáveis para entrar, sem erro, nas profundas cavernas do pensamento dos Padres até Constantino. Para além disso, tem o cuidado de expor a atualidade para o mundo hodierno do conhecimento desta realidade fundante da cultura do mundo judaico-cristão.

Se o capítulo segundo se detém no Cristianismo das origens, ou seja, aquele mais próximo das primeiras testemunhas do fenómeno “Jesus de Nazaré”, a saber, os Apóstolos e as primeiras gerações que lhe sucederam e deles beberam, o terceiro capítulo faz-nos viajar pelo confronto dos Padres com o mundo greco-romano, pelo discurso apologético que brotou desse confronto, pela descrição detalhada do modo como os cristãos viviam, celebravam a fé, entendiam o mundo e a cultura clássica. O viver cristão sistematizado confronta-se com as elites intelectuais e daí surge uma síntese admirável, válida para a hodiernidade, uma descoberta do homem primeiramente como sujeito e só depois como cidadão. A interioridade precede a civilidade.

No capítulo quarto, o autor apresenta a problemática da falsa e da verdadeira gnose, problema fulcral não apenas nos primórdios do cristianismo, mas perdurável nos tempos. De facto, é imperativo distinguir entre a gnose cristã ortodoxa e o gnosticismo, entre outras coisas, pelas conceções díspares de Deus, do mundo e do Homem. Com efeito, contra o gnosticismo, a gnose cristã ortodoxa sustenta a existência de um Deus uno, diferente do Homem, amante e cuidador do mundo, envolto pela bondade e pela caridade. Daí ter o autor colocado neste capítulo o pensamento quer de Irineu de Lyon, quer de Hipólito, campeões da ortodoxia cristã e da refutação da falsa gnose.

O capítulo quinto introduz-nos numa das mais ativas e ímpares academias do pensamento cristão – a Escola de Alexandria. Aqui o platonismo e o neoplatonismo, o método alegórico-espiritual, a cristologia teocêntrica e a teologia do *Lógos* imprimem uma marca idiossincrásica de tal dimensão que, juntamente com a escola antioquena e a cultura asiática, marcam

---

sobremaneira o encontro do pensamento cristão com a filosofia grega, principalmente a de índole platónica. Clemente, Orígenes, Gregório, *Sextus Julius*, Metódio, entre outros, são utilizados pelo autor para ilustrar a vitalidade desta Escola, bem como a sua indispensabilidade para a evolução do pensamento cristão.

No entanto, neste mundo latino de fala grega, pelo menos até final do século II, o latim começa a ganhar certa relevância, particularmente nas comunidades cristãs, formadas por indivíduos provindos de áreas geográficas onde predominava o latim e outros, cuja pouca educação académica, não lhe permitiam conhecer a língua grega. Assim, o grego *koiné* dos primeiros tempos, o do Novo Testamento e dos Apóstolos, cede lugar a uma emergente Literatura Cristã Latina, com vultos como Tertuliano, Minúcio Félix, Novaciano, Vitorino de Petau, Cipriano de Cartago, Arnóbio de Sica e Comodiano. Sem descurar os restantes autores apresentados, é mister destacar a maestria de Tertuliano, o qual obteve para o latim dos cristãos a dignidade literária necessária para a sua aceitação no mundo de então. Isidro Pereira Lamelas conta 982 neologismos e inúmeras transmutações semânticas no léxico cristão, saídas da pena de Tertuliano, o que, aliado à defesa da doutrina, da moral e da disciplina cristãs, faz dele um vulto de inigualável interesse para a história do pensamento cristão do século III. O mesmo se poderia dizer de Cipriano de Cartago, paladino suave e conciliador da unidade da Igreja, eivado de uma teologia clara, nascida da resposta prática às questões com que se confrontou no seu episcopado.

O último capítulo apresenta-nos, sob o sugestivo título *“Depois da tempestade, a Bonança”*, o período de transição entre as últimas perseguições e a chamada Paz de Constantino ou Édito de Milão. Lactâncio e Eusébio de Cesareia são testemunhas abalizadas desta transição e dela legam às gerações futuras vigorosa documentação.

A presente obra destaca-se ainda pela ampla bibliografia sectorial e geral, ou seja, depois de cada assunto, o autor indica obras seguras para aprofundamento e esclarecimento do tema, agindo de igual forma no final da obra. É, pois, a obra que faltava em língua portuguesa para facilitar a todos os públicos o conhecimento daqueles que chamamos “Padres da Igreja”. Porém, a forma como apresenta cada época e cada autor visa essencialmente provocar a curiosidade intelectual que conduz à leitura das obras produzidas por estes homens que “se foram da lei da morte libertando”. O autor, como bom académico, não pretende substituir-se à leitura direta dos textos produzidos por estes vultos dos primeiros séculos cristãos, mas, à maneira do bom pedagogo, explana conceitos, abre geografias, disserta culturas, analisa estruturas linguísticas e levanta questões, deixando ao leitor a tarefa de deter-se nestes textos fundantes da cultura “de que somos, mais ou menos conscientemente, filhos”.